

O jovem Troufa-Real pelo olhar de Leonel Moura

o livre-pensador

Diz que a arquitectura é “o espaço onde as artes todas se manifestam” e por isso utiliza-as na sua obra, dispersa, de Lisboa a Macau. Antimoderno, angolano e maçom, **Troufa Real** alimenta o sonho de construir uma nova capital no seu país. Já tem nome: Angólia.

Texto Ana Paula Dias

Fotografias cedidas pelo ateliê Troufa Real

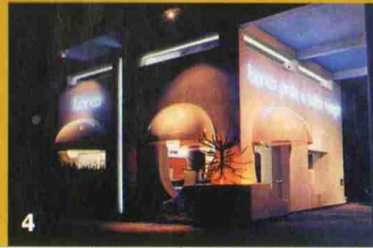
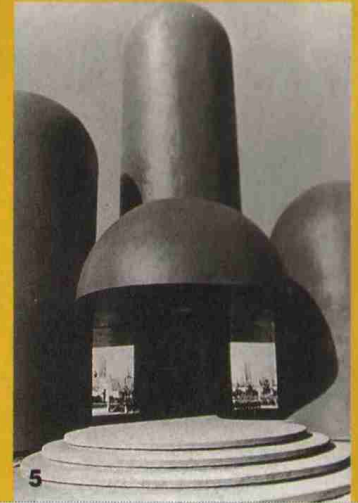
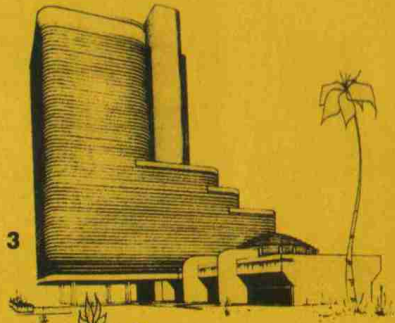
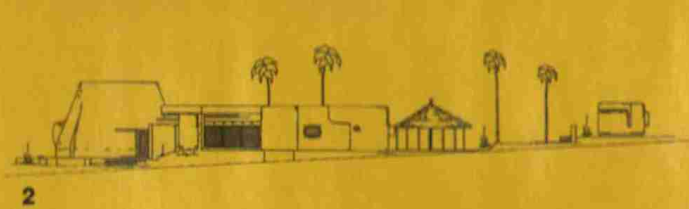
Sou arquitecto, angolano e maçom [do Grande Oriente Lusitano].” Enfático, ensimesmado em convicções que alimentou toda a vida, a forte personalidade do arquitecto Troufa Real abre uma porta para outra dimensão, onde desfila o Império, nas memórias que vai reavivando. Embala-nos a alegoria do fantástico naquele cenário perfeito, o andar palaciano que lhe serve de ateliê, construído ao tempo de um Portugal monárquico com perto de trinta mil maçons. Fica situado em pleno Chiado e nas largas salas de imponente pé-direito ele erigiu templos de influência maçónica, talvez porque acredita que “construir um templo é o mesmo que construir uma sociedade melhor”. José Deodoro de Faria Troufa Real nunca irá esquecer que fez parte da “geração dos ingombota”, ponto de encontro da sociedade luandense, crioula e burguesa. Era a geração dos filhos das gentes do café, dos funcionários da administração, uma mistura de brancos, negros e mestiços. “Uma geração fantástica que tem a ver com os direitos e a libertação do País”, sublinha.

Nasceu em 1941, no centro administrativo da província colonial, nesse “terreiro” onde se situavam a Fazenda, a Câmara Municipal, escolas, edifícios prisionais, muito próximo da Baixa. O pai era funcionário da câmara e no sangue da mãe misturava-se o branco e o negro. Um avô casara com duas negras, a avó Josefa e Aurora, “uma negra notável e se tornou também uma avó”, pois conviveria com ela durante mais tempo. “Digo que nasci ‘no quintal’, um espaço de encontro onde criei afectos e discuti questões, tudo à volta das gali-

nhas, das pitangueiras, do gindungo, da moamba, do Liceu Vieira Dias, ouvindo canções lindíssimas de amor, poemas de liberdade e sonho.” Amor, liberdade e sonho ainda hoje modelam o seu discurso sobre a arquitectura, acompanhado de constantes referências à figura feminina: “A mulher representa esses fascínios todos.”

A primeira exposição de pintura data de Janeiro de 1950, quando ainda não completara dez anos. Seguiram-se a de 52 e 57, todas na Livraria Lello, ainda hoje de porta aberta em Luanda. Organizadas pela Sociedade Cultural de Angola – “um embrião da libertação” – até acompanhou autores como António Jacinto e Luandino Vieira: “Sou protegido pelas artes era ainda quase uma criança, por aquela gente que iria demonstrar que sonhava com a liberdade, não de Angola mas a liberdade do Planeta.” No preçário de uma exposição surgem valores de trezentos escudos, o que já seria elevado para a época. Nunca teve dúvidas sobre o curso que queria seguir, porque para ele “a arquitectura é também pintura e escultura, o espaço onde as artes todas se manifestam. É uma arte de prazer e não só para satisfazer problemas funcionais e técnicos”.

Aportou a Lisboa por três vezes, quando ainda era a metrópole colonial: na primeira vez, o barco onde viajava foi desviado para Gibraltar, vivia-se a II Grande Guerra. Em 1952, a família deslocou-se gozando de uma licença graciosa, para ele fazer o 2.º ano no Gil Vicente. Mais tarde, Troufa Real chega a Portugal com uma bolsa de estudo e vai frequentar o D. João de Castro, o único liceu do Império que tinha



1. Palácio da Justiça de Luanda. Concurso. Angola. 1966

2. Residência Rogeiro Pereira. Futungo de Belas. Luanda. Angola. 1970.

3. Sede do jornal Notícia. Luanda. Angola. 1970.

4. Banco Pinto e Sotto Mayor. Luanda. Angola. 1971.

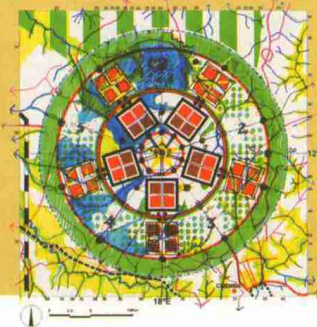
5. Pavilhão Nocal na Feira Internacional de Luanda. Angola. 1972.

6. Aerogare da Catumbela. Benguela. Angola. 1973.

7. Angólia. Cidade dos Santos. Angola. 1973-2003.



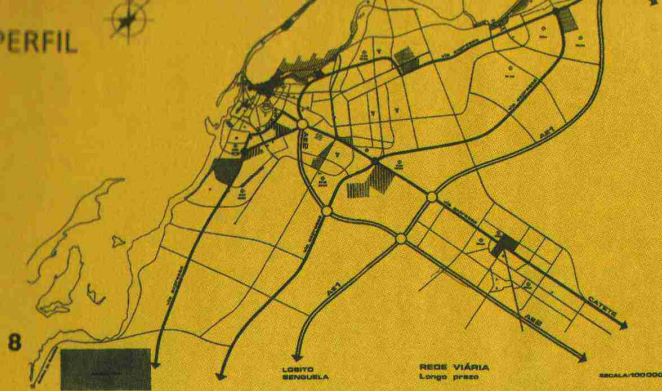
FUI UM ENFANT
TERRIBLE. ORGULHO-
-ME DE TER SIDO
SEMPRE UMA



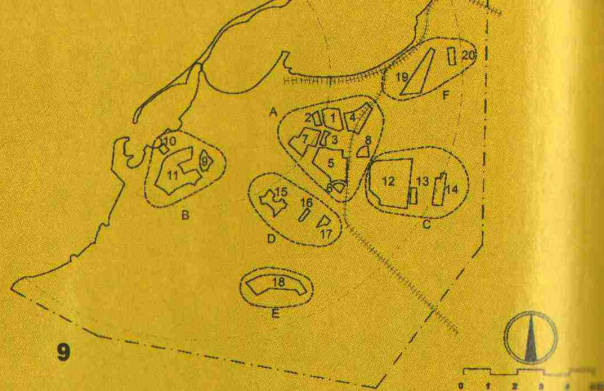
a alínea H (curso de arquitectura) e, em 1959, entra na Faculdade de Belas-Artes. “Fui um aluno com diplomas de assiduidade exemplar, a bolsa (bolseiro da Câmara Municipal de Luanda) obrigava a ter média de 16. Mas fui um *enfant terrible*, uma pessoa quando começa a ser preso... Orgulho-me de ter sido sempre uma espécie de cavaleiro andante.” Só em Lisboa começara a sua aproximação ao MPLA, com influência da Casa dos Estudantes do Império. A 28 de Junho de 1961 vai parar a cela 28 de Caxias, sendo julgado a 9 de Outubro. Defende a República como a estrutura política que mais o satisfaz, “desde Platão até aos movimentos republicanos”, mas salienta que por detrás dela tem que haver sempre gente prestigiada, gente que pensa nos outros em termos de valores e princípios, como no tempo da implantação da República, “quando se teve, talvez, os primeiros sonhos de Abril”. Sonhos que ficaram para trás? “O Estado Novo cortou direitos fundamentais como a liberdade, mas no campo da cultura, da arquitectura, Portugal de Abril fica muito a desejar. O Duarte Pacheco foi buscar um opositor, um republicano como o Keil do Amaral e outros, para fazer obra que notabiliza a história da arquitectura e o ditador tolera! Tal como o Ferro convida o Almada para a obra pública. Considero que foi um acto de inteligência e sabedoria. É uma constatação! Não posso deixar de o dizer, porque sou um analista, um académico, um homem livre! Agora quando

ESPÉCIE DE
CAVALEIRO
ANDANTE.

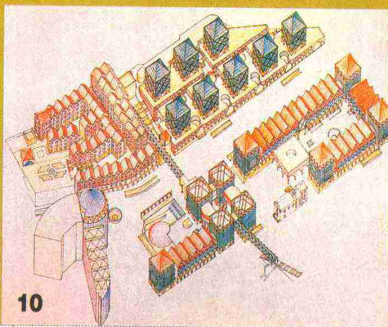
vejo obra pública dada aos amigos, e ainda por cima muitos são menores... Espaços de feiras de vaidades, promovem o banal e o que é bom é que não se seja incómodo. A mim interessam-me os Luiz Pacheco, tudo o que se escrevia nas entrelinhas, o Alexandre O'Neill. Hoje, as pessoas já não escrevem com a mesma ferocidade dos anos 60/70. Há manipulação dos arquitectos ‘dêjá vu’, há trinta anos que se protegem uns aos outros e a Ordem mantém este regime. Eu faço parte, mas estou no outro lado e é por isso que digo ‘sou um arquitecto arrependido’. O poder organiza-se em bolsas e elas estão umas contra as outras, em universos esquizofrénicos e narcistas e não no estatuto democrático. A prática do poder é antidemocrática.”
Termina as Belas-Artes (1967) quando já possui ligações ao surrealismo, ao grupo que frequenta o Café Gelo e a outros nomes das artes, como Herberto Helder, Carlos Fernandes, Cesariny, Pepe Blanco, Cruzeiro Seixas, Sá Nogueira: “Gente que me vai influenciar, quer no discurso surrealista, quer no discurso do fantástico, quer na partilha do meu trabalho com as artes.” Trabalhou com Raul Rodrigues Lima (autor, entre muitas outras obras, do Monumental e do Cinearte e cujo ateliê era frequentado por Almada Negreiros e outros artistas plásticos), que o impressionou pelo profissionalismo e respeito pelo cliente. Teve “a sorte” de trabalhar com Cassiano Branco, com quem gostava muito de privar, recebendo dele uma forte influência “no ▶



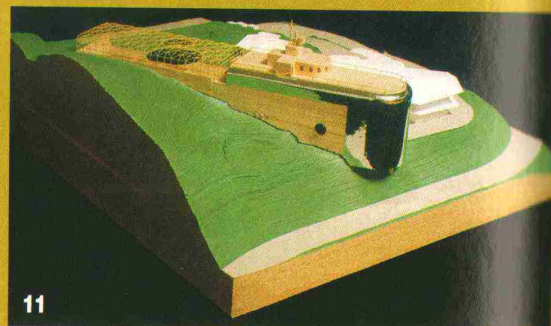
8



9



10



11

8. Plano Director da Cidade de Luanda/OTU. Angola. 1973.

9. Estudo dos musseques de Luanda. Angola. 1973.

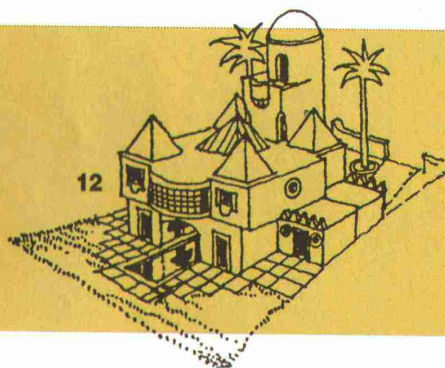
10. Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz. Lisboa. 1981.

11. Ampliação da Estalagem da Serreta. Açores. 1981.

12. Palácio no Quintal para Azevedo Coutinho. Cascais. 1982.

13. Colectiva/manifesto Depois do Modernismo. Lisboa. 1983.

14. STD.M. Macau. 1983.



12

13



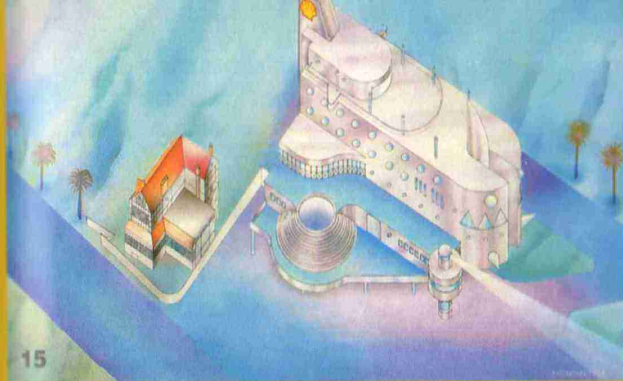
aspecto criativo" (frequentavam ambos os Cafés Nicola e Lisboa). De Vasco Vieira da Costa lembra "a componente ética", embora este seja um arquitecto moderno que trabalhou com Le Corbusier: "Aquela forma de produzir arquitectura nunca me interessou, porque é pouco intuitiva e mais racionalista. Eu discutia muito com ele, pois sou um antimoderno."

A quem visite o ateliê, ele mostra orgulhosamente a sua sala de homenagem a Amâncio Guedes, defensor dos direitos dos negros contra o 'apartheid'. Ali se vê um imenso templo africano, que foi exposto em Londres, obra do arquitecto e artista plástico Pancho (de seu nome Amâncio d'Alpoim) Miranda Guedes, nascido em Lisboa, em 1925. Obra tão imponente obrigava a um espaço para mostrar e Troufa Real acolheu-a quando a exposição terminou. Até porque o autor, que há bem pouco tempo foi homenageado pela Ordem dos Arquitectos, é um profundo inspirador do seu trabalho: "Em 1967, fui a Lourenço Marques procurá-lo, por ser um arquitecto tão fantástico como o Gaudí, que não tinha nada a ver com toda aquela teoria funcionalista da arquitectura moderna. Ele sentia o espírito africano e marcou a minha vida."

Em 1967, um navio parte para Luanda levando consigo o então já arquitecto Troufa Real, que irá ocupar o lugar de director do gabinete de urbanização da Câmara. No pós-1974, estudará em Londres, diplomando-se em Planeamento Nacional, Regional e Urbano (1980), pela Architectural Association School of Architects. Durante a pós-

-graduação, estudou fundamentalmente nos países de Leste (embora também tenha estado na Alemanha Federal), o que lhe permitiu confrontar a experiência dos países socialistas, aos quais Angola estava politicamente ligada, com os problemas e necessidades das cidades angolanas. Publica "Musseques de Luanda, Angola, O Novo Bairro Golfe" (75), editado pela Universidade Moderna, em 1997, um entre vários estudos do tecido urbano que desenvolve, alguns de natureza experimental, como "Uma serpente habitável e outras coisas para Marvila", apresentada em 1985 na ARCO de Madrid, "Macau Flutuante", e ainda "Modelos" para uma nova capital política de Angola. O "Novo Bairro Golfe" simboliza a preocupação, que remonta aos anos 70, de reconversão dos musseques. "Riscos", uma das suas exposições individuais já realizadas neste século (na Cooperativa Árvore do Porto, em 2002), mereceu o seguinte comentário a Jacinto Rodrigues: "Os desenhos de arquitectura de Troufa Real são a expressividade poética dos lugares [...]. É uma viagem em que as imagens dos edifícios integram valores culturais múltiplos, moldam e deixam-se moldar pela paisagem [...]. A arte de arquitectar é antes de tudo um gesto criacionista!"

Admirador das religiões, faz templos "para voltar um pouco à infância" e a ela não será alheia a influência do avô, também maçom do Grande Oriente Lusitano, possuidor de uma espada lindíssima, flamejante. Um dia, quando as espadas ficaram guardadas, também ele terá guardado no seu imaginário a atracção pela luz e a escuridão, o culto da



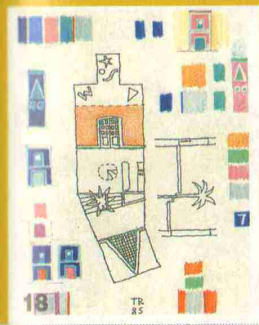
15



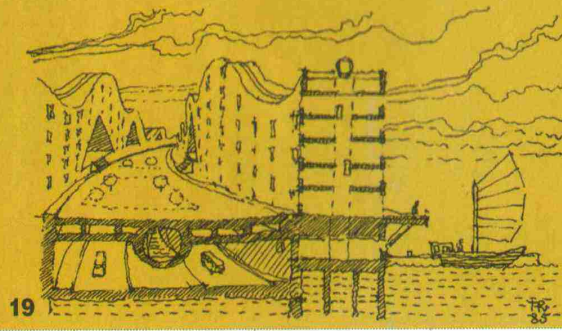
16



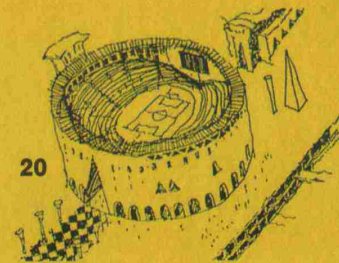
17



18



19



20

15. Barco do Amor Inoxidável. Estoril. 1983.

16. Viaduto Infante D. Henrique. Serpente Habitável. Marvila. 1984.

17. Monumento ao 25 de Abril. Concurso. Lisboa. 1984.

18. Casa Mário Cabrita Gil. Alfama. Lisboa. 1985.

19. Macau Flutuante. Macau. 1985.

20. Complexo Desportivo Boavista Futebol Clube. 1985.

21. Estação da Amadora. Amadora. 1986.

22. Sociedade Cinematográfica Tivoli. Lisboa. 1986.



21

PORTUGAL DE ABRIL
FICA MUITO A
DESEJAR. TENHO DE
O DIZER, PORQUE

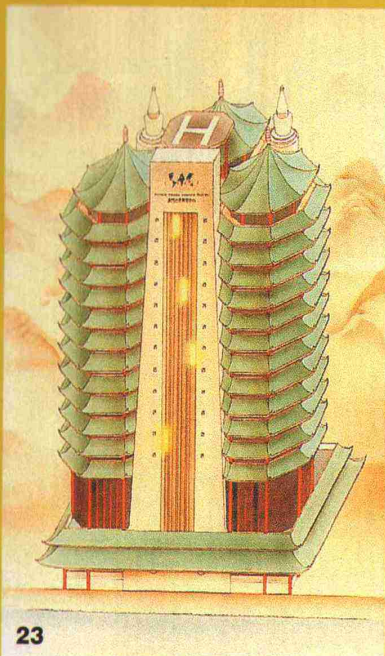
22



cor e das sombras. Utiliza um naipe de cores festivas sem temer os contrastes, distribui dourados, “baseados no pôr do Sol da infância”, e sente uma enorme paixão pelo ornamento. “A cidade não tem pré-definições, vai acontecendo. É uma mentira dizer que esta cidade tem que ser branca, as pessoas que estão no poder é que têm uma cultura cinzenta e parda, Lisboa já foi uma cidade toda colorida. Por isso, não tenho medo. Estas obras são feitas com o ‘pêlo do cão.’” Templos e grandes edifícios fazem parte da sua obra, mas não a habitação social: “É uma palavra inventada no século XX e um alibi, se os dirigentes estão a investir em casas para os pobres, estão a investir na pobreza!” Defende que sem ‘o sonho’, não vale a pena fazer nada. “É uma questão de fé, mas o que se passa na política passa-se na arquitectura, tecnocratizou-se e racionalizou-se demais o processo, abandonando o lado espiritual, do sonho e da poética. Porque em primeiro lugar vem a poética, depois a ética, a estética e, por fim, a técnica. É preciso acreditar nos poetas. Os maiores construtores das cidades, os maiores arquitectos do universo, são os poetas e escritores, que inventam cidades e mundo.” Também ele inventou Angólia e ninguém lhe perdoou a ousadia, acusando-o de imitar Brasília. Escreve: “Todas as cidades são artificiais e é bom pensar no que seria hoje o Rio de Janeiro se Niemeyer não tivesse projectado a nova capital.” Chamou-lhe a Cidade dos Santos e todos entenderam que tal projecto era um

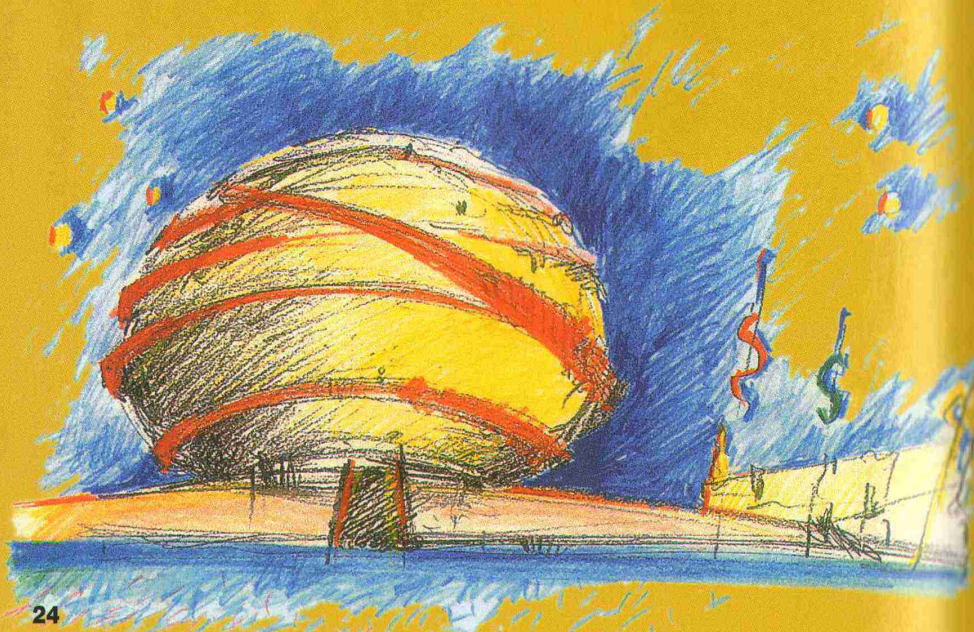
SOU UM ANALISTA,
UM ACADÉMICO,
UM HOMEM LIVRE!

louvor a José Eduardo dos Santos, a quem o ligam elos inseparáveis: “É o meu presidente da República!” Mas as suas amizades provêm de vários quadrantes políticos e sociais, sempre muito acalentadas e sempre forjadas num percurso de vida. Muitas cidades, como Luanda, precisam de “oferecer às pessoas uma vida mais feliz” e, por isso, passou a integrar uma comissão técnica que estuda o assunto: “Não é um problema de dinheiro, é um problema de oportunidade. A guerra terminou em 2002, já é altura de resolver o excesso populacional e a degradação do património, das infra-estruturas, o que passa pelo desenvolvimento do interior para atrair novas gerações. Dissipou-se a ideia de concentrar os investimentos em Luanda.” Criar novas cidades, modernas, diferentes da lógica colonial e uma nova capital “que pertence a uma rede de desenvolvimento nacional e com alguns corredores desse desenvolvimento como o de Luanda/Bengo, a zona do Bié e do Lobito/Benguela”. A exemplo da China, “onde se estão a fazer trinta novas cidades por ano e Xangai está na linha da frente, onde todos os arquitectos do mundo estão a trabalhar”. Na área do urbanismo desenvolve diversos trabalhos desde 1973, data do Plano Director da Cidade de Luanda. Em 1981, surge como co-autor de um dos projectos para a renovação urbana do Martim Moniz, ao lado de Tomás Taveira, com quem trabalharia ainda em Macau. Também para a zona sul de Chelas, Expo 98, ▶



23

23. World Trade Center. Concurso. Macau. 1986.



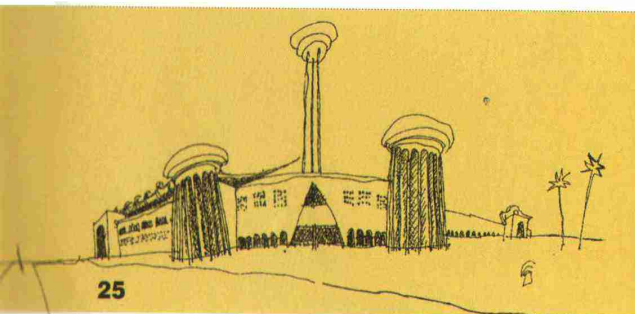
24

24. A Esfera Armilar. CCB. Concurso. Lisboa. 1988.

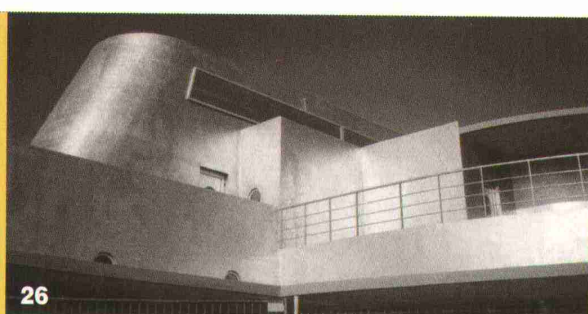
25. Complexo Desportivo da Taipa. Estádio. Macau. 1989.

26. Edifício APL. Lisboa. 1991.

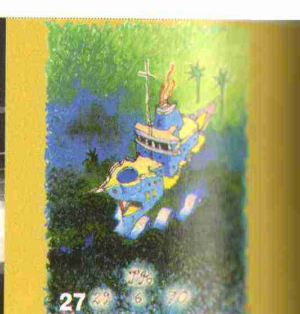
27. Casa de um arquitecto arrependido que queria ser marinheiro. Açores. 1991.



25



26



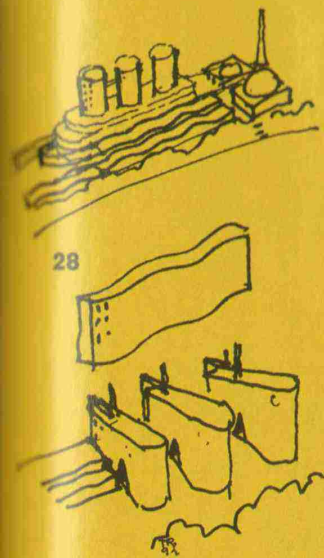
27

apresentou um estudo urbanístico, sendo igualmente da sua responsabilidade a Marina da Praia da Rocha, em Portimão. Esteve ligado ao Departamento de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Moderna de Lisboa, em 1997, num período que gerou controvérsia e do qual prefere não falar.

Entre a obra construída e não construída, é autor de numerosos projectos. Um dos primeiros data de 1966, o Palácio de Justiça em Luanda, enquanto o Restaurante Comida de Santo (80) marca o início da sua actividade em Lisboa. Troufa Real destaca a casa de Mário Cabrita Gil (85), em Alfama, e uma outra nos Açores, que carrega muito do imaginário do autor, pois chamou-lhe Casa de um Arquitecto Arrependido que Queria ser Marinheiro... (91). O seu trabalho tem também um lado irónico, como acontece com a dependência do Crédito Predial Português (84), em Azeitão: "É uma homenagem ao Herman José, porque ele tem um Rolls Royce e também guarda aqui o seu dinheiro." O Barco do Amor Inoxidável (83) foi um projecto desenhado para o Estoril.

Dá os últimos retoques na maquete de um grande templo que só agora poderá ser construído, depois de aprovado por Pedro Santana Lopes: "Foi ele, porque os outros tinham vergonha e medo." O projecto desta igreja de homenagem a S. Francisco Xavier, concebido em 96, partiu de um convite do já falecido Nuno Abecasis. Quanto tempo vai demorar a construir? O arquitecto ironiza: "Em Portugal, milocentos anos! Vamos construindo..." Pode acolher cerca de mil

peças e ficará situado numa área classificada pela UNESCO, nas proximidades da Torre de Belém e dos Jerónimos, com fundos da UE e participações do mundo inteiro, incluindo a Índia, país de forte culto a este santo. Concebida como uma forma de retratar a epopeia dos Portugueses, está dividida em zona paroquial, social e do culto. A torre com cento e quatro metros de altura, a mais alta de Lisboa, possui um elevador panorâmico que transportará o visitante até ao miradouro, e na torre sineira os dezassete sinos ecoarão junto à esfera armilar. A torre define o adro como espaço público, pois deseja-se que as pessoas se reencontrem depois do culto religioso ou das cerimónias pagãs, já que os terraços se destinam às festas. A casa do padre será pintada de açafrão e o seu desenho é o de "uma típica casa portuguesa", tal como a notabilizou Raul Lino. As palmeiras africanas de cinco pontas, constantes na obra de Troufa Real, fazem parte das suas memórias africanas. No terraço, "vai passar cinema ao ar livre, como antes se fazia na Cervejaria Portuguesa". O Triângulo Sublime do Pentágono dá acesso ao centro paroquial, possuidor de estúdio para televisão e teatro, enquanto a caravela inclinada se destina ao templo. Uma onda iluminada esconde a casa mortuária. "Eu faço parte da geração dos surrealistas e do cadáver esquisito, nas minhas obras há sempre linguagens em conflito, uma linguagem destruída por outra, parece obra de outro arquitecto, de um heterónimo." Para os seus trabalhos chama vários artistas plásticos e, neste caso, terá pensado em intervenções de mestre Lagoa



28

28. Associação Islâmica de Macau. Macau. 1991.



29

29. Edifício Milénio. Lisboa. 1991.



30. Relógio. Campanha antidroga. 1992.



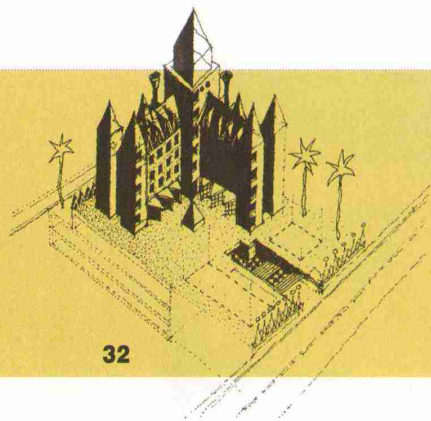
31. Hotel Primevére. Lisboa. 1992.



31

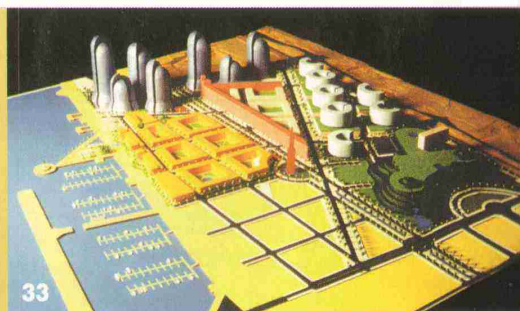
32. Edifício de Habitação. Parede. 1993.

33. Estudo Urbanístico de Pormenor. PP3. Zona Sul. Expo'98. Lisboa. 1994.



32

É UMA MENTIRA
DIZER QUE ESTA
CIDADE TEM QUE
SER BRANCA.



33

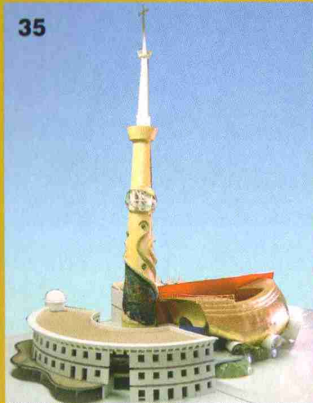
LISBOA JÁ FOI UMA
CIDADE TODA
COLORIDA.

Henriques (torre), Querubim Lapa (azulejos) e Guilherme Parente (painel do baptistério): “A minha obra é uma obra partilhada.” O vitral da capela terá assinatura do falecido Sá Nogueira. Bem diferente será o templo dedicado a Shiva (99), em Santo António dos Cavaleiros, uma grande realização da comunidade Hindu e o primeiro na Europa: “A entrada faz-se por uma escadaria que conduz ao ventre de uma mulher sentada e o santuário encerra o símbolo de Shiva, o Linga, o qual é encimado por uma torre denominada Shikara.” Linga, representação dos órgãos genitais, é um símbolo do poder genético. Ginásio, campo, parque e jardim de futebol fazem parte deste equipamento. Além deste, aguarda-se para breve a construção da Igreja da Santíssima Trindade (2000), destinada à paróquia de Algés (Miraflores), e que partiu de um convite de Isaltino Morais. Considera que este é “um projecto emblemático pela sua simplicidade e imponência”. O edifício Milénio (91) foi uma encomenda da empresa Teixeira Duarte para Lisboa e é uma obra premiada. Quanto ao edifício da APL (91), tem a ver com “o imaginário portuário na velha tradição das gares marítimas de Pardo Monteiro”. Um edifício de habitação construído na Parede levantou polémica porque o vermelho forte contrasta na paisagem. O Edifício Gil Eanes (96), no Parque Expo, com cinco lagos elevados e cerca de 130 apartamentos, é mais uma das suas obras polémicas porque o projecto apresentava as cores da

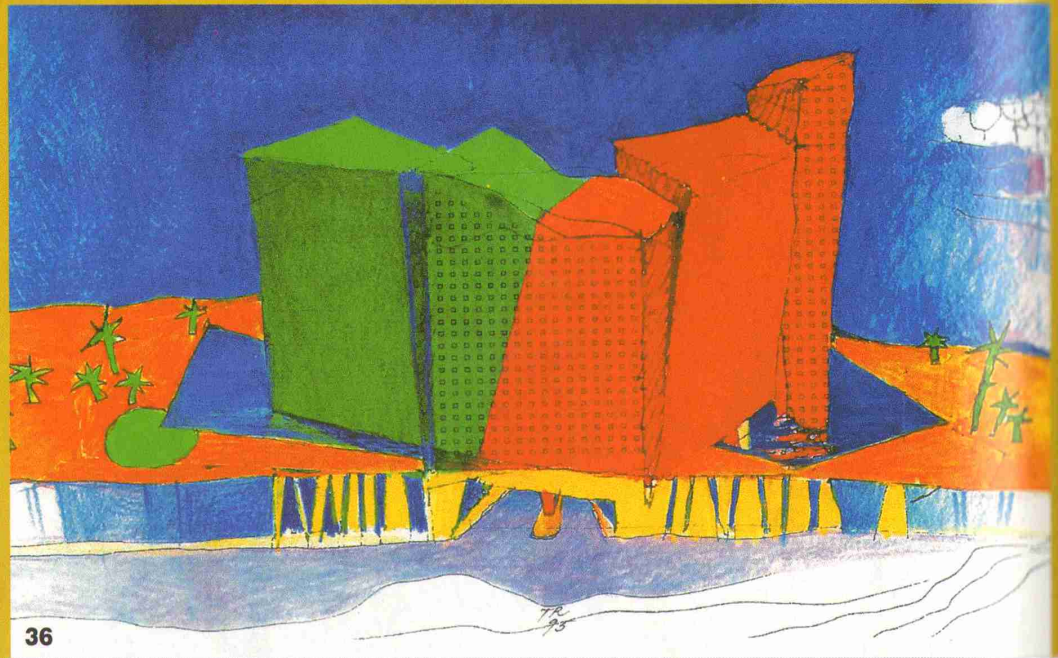
Bandeira portuguesa: “Quando o Mega Ferreira mandou que o pintasse de outra cor, pintei-o de branco. Como o edifício se chamava ‘A Bandeira Habitável’ acrescentei ao seu nome ‘Que foi à Lixívia’ e é com esta denominação que ele está publicado.” Na mesma zona da cidade construíram-se o edifício Casas do Tejo (95), com dezanove apartamentos e quatro piscinas e o panorâmico edifício Écran ‘Adamastor’ (98), uma espécie de muralha da alameda central. Sobre este, afirma: “A referência cultural maior traduz a afirmação de transição do discurso Modernista e Futurista do princípio do século, a gestualidade de Cristino da Silva (na 1.ª fase), de Cassiano Branco, St. Elia, e a proposta simulada de fachada para o grande edifício da alameda central de Franco Purini.” Um centro comercial com a forma da guitarra de Coimbra, que também se destina a escritórios, encontra-se em fase de construção numa zona central da cidade e foi baptizado de ‘Coimbra é uma Lição’ (2000). Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, também enveredou pelo design ao criar relógios, um de pulso para uma campanha antidroga e outro de parede para a Casa Fernando Pessoa, e uma tapeçaria produzida na Bélgica para a Dimensão. Desenha continuamente, mesmo em pedaços de papel, esboços desses edifícios que parecem dominar a paisagem e onde se não vislumbra simplicidade, mas a que ele contrapõe a obra de Gaudí, acrescentando: “A minha arquitectura não é estruturalista, sou um antien- ▶



34



35



36

34. Casas do Tejo.
Expo'98. Lisboa.
1995.

35. Igreja de S. Francisco Xavier.
Lisboa. 1996.

36. Edifício Gil Eanes. Cooperativa Mar da Palha.
Expo'98.
Lisboa. 1996.

37. Universidade Moderna de Lisboa.
1997.

38. Marina da Rocha.
Portimão. 1997.

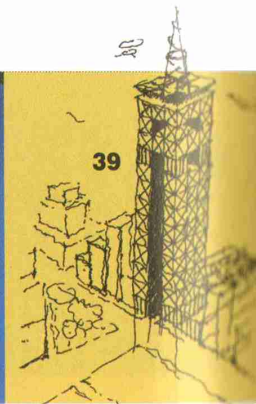
39. Sonangol.
Luanda. Angola.
1997.



37



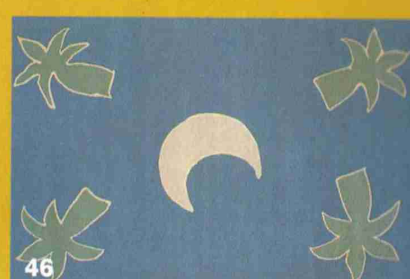
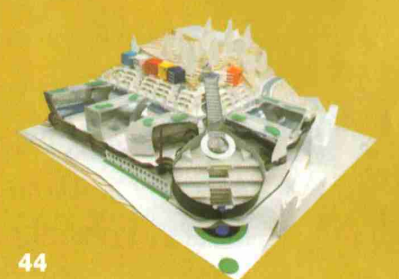
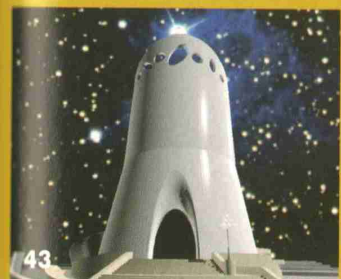
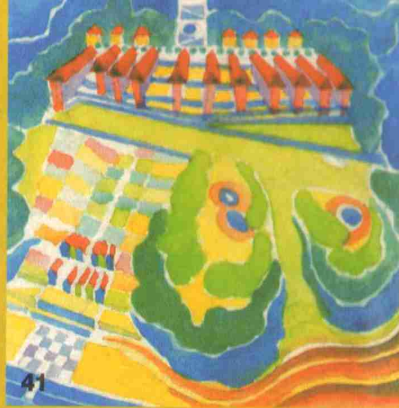
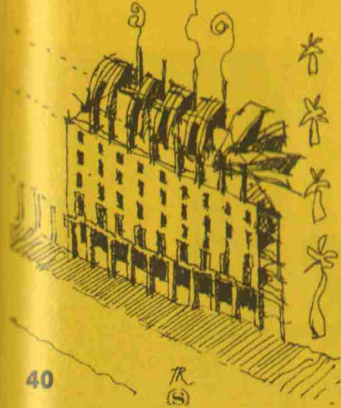
38



39

genheiro, não gosto de mostrar a estrutura e para mim tudo tem que parecer outra coisa. Poucas vezes opto por pilares, é como mostrarem-me uma mulher lindíssima e depois apresentarem-me o esqueleto; eu guardo os esqueletos para outro mundo, onde de certeza absoluta me vou relacionar com gente amiga e muitas mulheres bonitas. Não quero pilares, não quero estrutura à vista e, por isso, uso sempre alguma forra que tem uma componente de beleza." Aponta uma arcada sem pilares, projecto recente para Luanda de um grande edifício multifunções, inspirado no rio africano Keve. "É um edifício de forma um pouco gehryana, embora não o sendo porque o Gehry tem aquelas formas muito autobiográficas, mas eu percebo sempre aquilo." A escolha dos materiais resulta da relação com o meio: "Tenho casas em madeira, tenho casas para gente muito boa em colmo, que manipulo porque é o que está na envolvente. Uso as tecnologias contemporâneas, os materiais disponíveis e possíveis e aqueles que me apetece sempre inventar. Algumas estruturas só se tornaram possíveis com a experimentação dos obreiros, que me ajudaram a resolver os problemas através de misturas quase de laboratório. Quando a Moraes editou *O Erotismo*, de George Bataille, este influenciou-o ao ponto de querer desmistificar os tabus da sociedade portuguesa, cristã e conservadora: "Fiz uma homenagem a Bartolomeu Cid, cujas gravuras foram apresentadas em Londres e onde se viam umas peças fálicas. É uma fase erótica da minha vida." Que se perpetua na

fase das Casas Portuguesas. A convite da Fundação Bissaya Barreto apresentou a exposição Casas Portuguesas no Portugal dos Pequenos, de Cassiano Branco, algumas entretanto construídas, como a Casa de Sintra cujo registo foi incluído na Enciclopédia de Arte Contemporânea. Depois, surge a fase Barcos em Terra, edifícios com formas de embarcações, sugerindo proas e quilhas: "É a arquitectura do mar em terra. São navios." E depois, a fase dos templos. "Tenho uma arquitectura erótica, surrealista. Tenho um período de casas portuguesas. E como sou um arquitecto e um pedreiro-livre, construo templos, o que em maçonaria se chama a prática operativa. Não sou especulativo, interessa-me saber como se chega da pedra bruta à pedra cúbica e o processo em que, combinada com outras pedras, resulta numa forma e cria um templo. Que tem identidade, espaço, que manipula a luz, a sombra, os cânticos e as pessoas." Na realidade, todas as fases estão ligadas entre si, por força da geometria sagrada. Troufa Real também esteve ligado ao Clube de Teatro de Angola, de que foi presidente antes do 25 de Abril, e organizou exposições de arte moderna. Pintura, desenho e música são disciplinas que nunca abandonou: "Sempre fui uma pessoa ligada à música, estudei no Conservatório, dei aulas de guitarra clássica [entre 57 e 61, na escola do Prof. Duarte Costa]. O Luís Cília era um dos meus alunos e também a Mara Abrantes." O mesmo não dirá do desporto: "Odeio, espero morrer sem nunca o fazer, porque penso sempre que estaria a perder



40. Edifício Ecrã Adamastor. Expo'98. 1998.

41. Quinta dos Montados. Vila Nova de Gaia. 1999.

42. Templo de Shiva. S. António dos Cavaleiros. Loures. 1999.

43. Igreja da Santíssima Trindade. Miraflores. 2000.

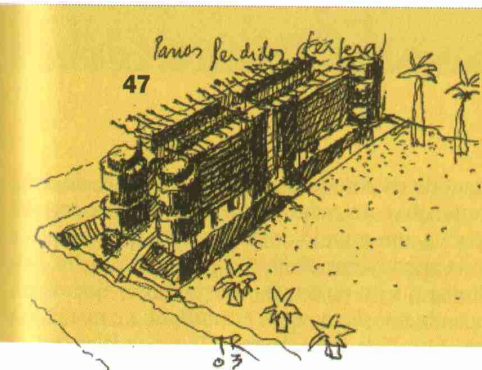
44. Coimbra é uma Lição. Coimbra. 2000.

45. Copo MID para a Dimensão. 2001.

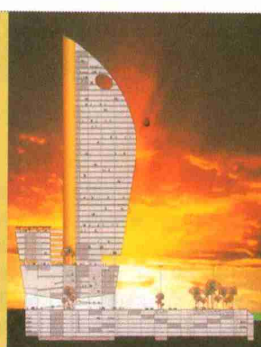
46. Tapeçaria Dimensão. 2001.

47. Palácio da Justiça de Benguela. Angola. 2002.

48. Reconversão. Teatro Avenida. Ed. Muquixi. Luanda. 2003.



FAÇO PARTE DA
GERAÇÃO DOS
SURREALISTAS, DO
CADÁVER ESQUISITO,
NAS MINHAS OBRAS



48

HÁ LINGUAGENS EM CONFLITO.

resultaram de muitas horas de discussões em torno da Geometria Sagrada.

Desde há três anos que escolheu habitar em Luanda, onde se vive a esperança na liberdade e onde residem outras preocupações. “Estou a dedicar-me a um santuário de chimpanzés, que gostaria que fossem protegidos.” E onde encontrou o seu espaço espiritual: “Eu sou, provavelmente, o raro angolano que não tem automóvel. Não vejo o mar, vivo num quarto austero que não tem janela, mas tenho livros de poemas e ali sentese conforto. Sou eu que faço a minha cama todos os dias, que lavo o meu chão e faço o meu pequeno-almoço, isto dá-me felicidade e estou ali entretido. As pessoas querem dar-me tudo mas eu não aceito, não gosto. Não estou desiludido, estou satisfeitíssimo, tenho direito de opção ao ter-me refugiado em África, onde vivo aqueles espaços imensos da lusitude (na palavra do Teixeira de Pascoaes). O termo lusofonia nunca me agradou e acho que não há ‘países de expressão portuguesa’, nem ‘países lusófonos’, porque a língua não chega para dar a identidade, nem abrange os surdos-mudos e os analfabetos. Veja-se o caso dos macaenses que falam cantonês, ou os chineses de Macau que falam inglês e têm a alma lusitada. Toda a comunidade, desde Timor até ao Cunene, expressa-se numa relação fraterna, este sentimento da lusitude que nos aproxima a todos e é próprio de um país sem fronteiras.”

tempo!” E se tem o posto de almirante de três estrelas é apenas porque gosta muito do mar. Desde pequeno que se habituou a velejar, mas não entra em regatas nem mata peixes como os pescadores, fica a olhar as estrelas pois é capaz de se sentir “de facto, um homem extraterrestre”. Neste período da vida, trabalha cada vez mais: “Estou a usar o tempo com prazer, como quem guarda para o fim o melhor de uma boa refeição.” Fazendo arquitectura “até morrer”, mas só aceitando projectos por convite e não por concurso. Também recebeu o convite para ampliação da escola de estudos religiosos de uma universidade de Luanda, o antigo Instituto Pio XII, obra do falecido arquiteto Vasco Vieira da Costa. E, a convite de um grupo americano das petrolíferas, vai responsabilizar-se pela construção de uma cidade completamente nova, no Congo Kinshaza. Para Cabo Verde, prepara o projecto de um grande empreendimento turístico. “Não preciso de ganhar dinheiro e continuo a oferecer os projectos aos meus amigos”, sublinha. O templo hindu e a igreja de S. Francisco Xavier são exemplo disso. Nestes casos, move-o a amizade, a paixão pelo trabalho e a possibilidade de incluir obras de artistas plásticos, como no caso do falecido Júlio Pereira: “Vai ser dele uma das obras mais importantes da igreja de Miraflores, na torre sineira. Ele aparece a trabalhar comigo depois de morto.” Utilizará desenhos guardados, pedaços que

uma edição
CASA
REVISTA

Janeiro 2006

Nº 34
Portugal € 3,30

&

arquitectura & construção

perfil

Troufa Real, o livre-pensador

património

a homenagem de Siza a Távora

dossiê

o universo da pedra natural

projecto

a Chesa Futura
de **Norman
Foster**

Saint-Moritz,
Lisboa, Chile e Uruguai

lugares de culto

REVISTA BIMESTRAL



516038461019332

00034

